

- PeirópoliS

Terra de cabinha

MANUAL DO PROFESSOR

Copyright © 2018 Editora Peirópolis

Editora Renata Farhat Borges

Texto Cristiane Tavares

Revisão Alyne Azuma

Diagramação Márcio Koprowski

Editado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Editora Peirópolis Ltda. Rua Girassol, 310f - Vila Madalena 05433-000 - São Paulo - SP - Brasil tel.: (55 11) 3816-0699 vendas@editorapeiropolis.com.br www.editorapeiropolis.com.br

Terra de cabinha Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão Gabriela Romeu Fotos de Samuel Macedo llustrações de Sandra Jávera

MANUAL DO PROFESSOR

- PeirópoliS



1. CONTEXTUALIZAÇÃO: AUTOR E OBRA



Título: Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão

Autora: Gabriela Romeu **Fotos:** Samuel Macedo **Ilustrações:** Sandra Jávera

Páginas: 96

Formato: 20.5 x 27.5 cm

ISBN 978-85-7596-415-6 (impresso)

978-85-7596-418-7 (ePub) 978-85-7596-446-0 (Mobi)

1.1. SOBRE TERRA DE CABINHA

Terra de Cabinha tem diminutivo no nome, mas é enorme no alcance geográfico, social, cultural, poético e pedagógico. Um livro que consegue inventariar o que parece não caber num caderninho de viagens: a vida de meninos e meninas do sertão do Cariri cearense, em toda sua localidade universal. São muitos os aspectos que alargam as dimensões deste livro-inventário, diante do qual o leitor alcança vastos horizontes. Um dos principais aspectos é justamente a multiplicidade de vozes e olhares que compõem as narrativas e apresentam personagens e paisagens. A jornalista pesquisadora de infâncias, Gabriela Romeu, se une ao já crescido cabinha fotógrafo, Samuel Macedo, e seus registros ganham ainda mais graça nos traços delicados da ilustradora Sandra Jávera. Tudo isso, num projeto gráfico que lembra um caprichado diário de viagem preenchido a várias mãos. Para dar conta da vastidão

de vivências e manifestações artísticas dos cabinhas, um conteúdo audiovisual complementar acompanha o livro e pode ser acessado pelos QR Codes que aparecem em algumas páginas, tornando a experiência da leitura ainda mais viva.

Mas o que é, afinal, "cabinha", palavra que dá título ao livro? Cabinha é como se denomina menino no sertão do Cariri. Menino, menina, criança. Corruptela de "cabrinha", é um modo peculiar de chamar os pequenos "cabras" sertanejos. O primeiro texto do livro, o poema "Sou cabinha" (p.13) já traz essa informação ao leitor e conta também a origem indígena da palavra "Cariri":

Sou cabinha,

Um cabinha.

O Cabinha.

Como quiser.

Sou menino, crescido no topo da chapada.

Aqui do alto, o mundo é verde. Verdim.

É só chover um pouquinho e a caatinga verdeja que só.

Nasci no Cariri.

Que lugar é esse?

É aonde meus avós chegaram há um tempão pra pagar promessa pro Padim Ciço.

É onde cresci ouvindo que a Pedra da Batateira um dia iria rolar

- até hoje, ta tudo bem.

É onde um dia moraram os índios Kariri.

Os meninos e as meninas cabinhas são os personagens centrais desse livro: Jacaré mora no vilarejo do Crato e ensina o leitor a brincar de "estrelinha nova sela", "Unha de gavião" e "Computador"; os gêmeos Gabriel e Manoel, amigos de Ricardo, ensinam a escorregar em folha de Capemba; Dó (apelido de Normando) mora na serra do Zabelê e é conhecido como "encantador de jumento"; Regivânia, moradora do Horto, em Juazeiro do Norte, sabe onde vive Maria Fulozinha, Caboclinha encantada da família dos Caiporas; Maria foi a mais valente rainha do Reisado dos Irmãos, sem falar nos meninos vaqueiros e nos cabinhas da Fundação Casa Grande, a quem a autora dedica o livro. Ao lado dessas crianças, só poderia haver adultos igualmente especiais que habitaram ou ainda habitam o Cariri. A lista é grande e vai dos famosos, como Patativa do Assaré e Virgulino Lampião, aos até então anônimos

mestres do sertão, como Mestre Aldenir, dedicado ao reisado e à convivência com as crianças; Françulí, ferreiro e mestre do brinquedo; Bizunga, mestre da brincadeira em Potengi; Valquíria, mestre das bonecas e da cantoria; Cirilo, mestre do maneiro-pau, brincadeira só para homens; Marinês, mestre do coco, que comanda um grupo só de mulheres, e Zulene Galdino, mestre de muitos saberes, como quadrilha e pastorinha.

O registro da convivência com cabinhas de diferentes gerações resulta num livro que pode ser lido de muitos jeitos, por crianças, jovens e adultos de todo o Brasil. Tem instrução de jogo e brincadeira, receita de brinquedo, chá, reza e simpatia, cantiga de ninar, histórias encantadas e causos narrados ao pé da fogueira, biografia, poema, mapa, tudo isso ao lado de belas fotografias feitas por um morador local e de ilustrações que conversam com essa estética tão peculiar. *Terra de cabinha* é mais que um inventário de meninos e meninas do sertão do Cariri cearense, é um retrato ampliado de rostos bem brasileiros, registro poético do convívio entre as culturas indígena, africana, europeia em todo o seu humilde esplendor. É convite a um olhar sensível para um Brasil profundo.

Terra de cabinha ganhou o terceiro lugar no Prêmio Jabuti 2017, na categoria Livro Paradidático.

1.2. SOBRE A AUTORA, O FOTÓGRAFO E A ILUSTRADORA

Em suas muitas viagens para o sertão do Cariri, a jornalista especializada em produção cultural para a infância, pesquisadora e documentarista Gabriela Romeu, descobriu os cabinhas e seu universo encantado. Descobriu, na verdade, não é a melhor palavra, porque pode dar a ideia de um encontro casual e não é o caso. Gabriela conviveu com eles, num processo próximo ao que fazem os antropólogos, denominado "observação participante" e definido por Bronislaw Malinowski como "uma perspectiva do olhar desde dentro".¹ Esse modo de estar em contato efetivo com as pessoas do lugar faz toda a diferença no projeto do livro, porque não se trata de uma descrição distante de tudo o que se viu e ouviu em determinada comunidade. Ao contrário, o resultado é um livro sensível, polifônico por natureza, porque dá lugar à expressão de várias vozes e editado de forma a destacar a multiplicidade artística própria da região.

8

¹ SILVA, Vagner Gonçalves. O antropólogo e sua magia. São Paulo: EDUSP, 2006, p.13.

Gabriela Romeu tem larga experiência como pesquisadora de infâncias. Trabalhou por muitos anos no jornal *Folha de S. Paulo* como editora do suplemento infantil Folhinha, quando desenvolveu o importante e premiado projeto "Mapa do Brincar" (2009), um levantamento das brincadeiras próprias de cada região do Brasil, feito diretamente com as crianças. Depois disso, em parceria com outros pesquisadores, criou o "Infâncias", projeto multiplataforma, que busca retratar a pluralidade de infâncias nas distintas realidades socioculturais brasileiras, do qual *Terra de cabinha* faz parte.

Em suas andanças pelo Cariri, a autora Gabriela Romeu conheceu Samuel Macedo, um cabinha que, aos 12 anos, criou a TV Casa Grande, um laboratório de mídias digitais que produz documentários para canais de televisão como Futura e TV Cultura. Samuel é hoje fotógrafo, cinegrafista e músico, e são deles as fotos que integram *Terra de cabinha*. O olhar aguçado de Samuel sobre o sertão do Cariri começou cedo. Ele conta que descobriu o mundo das imagens ainda criança, na oficina de brinquedos do avô, de onde saiu sua primeira câmera fotográfica: "uma caixa escura feita com restos de tudo o que se possa imaginar".

As delicadas e coloridas ilustrações de *Terra de cabinha* são da artista plástica paulista Sandra Jávera, que atualmente vive em Nova York e não esteve ainda o sertão do Cariri cearense. Ela criou os desenhos que ilustram o livro, a partir de muitas conversas e pesquisas, da leitura dos textos da Gabriela Romeu e da observação das fotos do Samuel Macedo. Ela conta que, apesar de nunca ter ido ao Cariri, sente que o livro a aproximou da cultura do lugar e foi uma ótima oportunidade para pesquisar mais sobre a região, parte de um Brasil que ela ainda não conhece. Assim como Sandra, muitos brasileiros desconhecem os sertões brasileiros em seu encantamento e sabedoria. *Terra de cabinha*, feito, assim, a tantas mãos, é uma ótima chance de fazer isso!



2. MOTIVAÇÃO/ JUSTIFICATIVA PARA A LEITURA

CATEGORIA:

1 (obra voltada para os estudantes de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental)

TEMAS:

- C. o mundo natural e social:
- **D.** encontros com a diferença;
- E. diálogos com a história e filosofia;
- F. aventura, mistério e fantasia

GÊNERO LITERÁRIO:

memória, diário, biografia e relatos de experiências

Terra de cabinha – Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão é um livro que pode ser lido de muitas maneiras diferentes: como um diário de viagem pelo sertão do Cariri cearense; como inventário que apresenta bens culturais e artísticos dessa região brasileira; como registro etnográfico em diferentes linguagens (jornalística, poética, fotográfica, audiovisual e plástica); como almanaque contendo diversos gêneros textuais que informam, divertem e surpreendem, simultaneamente.

Por contemplar vários gêneros textuais (instrução de jogo e brincadeira, adivinha, receita, cantiga, conto, causo, biografia, poema, relato, dentre outros) relaciona-se com diferentes práticas sociais de leitura e escrita, inserindo-se facilmente em propostas pedagógicas que valorizem a aprendizagem significativa, o desenvolvimento do pensamento crítico e o protagonismo dos estudantes. As diferentes linguagens presentes no livro contemplam a variabilidade perceptiva própria dos processos de ensino e aprendizagem, ou seja, respeita as variadas formas de perceber, aprender e construir conhecimento.

Por exemplo: alguns estudantes se sentirão mais atraídos pelos registros fotográficos, outros pelos audiovisuais, que permitem adentrar o Cariri e ver de perto os cabinhas.

Os textos, que se alternam entre poéticos, informativos e instrucionais, são igualmente convidativos, como mostra este trechinho de um dos textos que abre o livro:

Por muitas estradas, caminhos e atalhos do Cariri cearense, onde acontecem as histórias dos cabinhas, estão sempre na paisagem os paredões da Chapada do Araripe. Eles guardam desenhos que dão notícias dos tempos do homem pré-histórico, que chegou à região do Cariri fugindo da aridez do sertão. Já no solo da região estão muitos vestígios dos tempos dos dinossauros e pterossauros, que lá viveram há 120 milhões de anos. Foi ali que brotou a flor mais antiga do mundo. Só podia mesmo ser no Cariri. (p. 14)

Essa multiplicidade vibrante conversa com o universo dos estudantes préadolescentes e adolescentes em pleno processo de afirmação identitária e
de construção e valorização das experiências coletivas. A possibilidade de
encontrar um "outro", de conhecer seu espaço geográfico, suas crenças, saberes e vivências cotidianas, é um exercício de alteridade altamente relevante
para jovens de qualquer região do país. Quando esse encontro revela, além
de tudo, o retrato de um Brasil em sua complexidade cultural, a experiência
torna-se ainda mais valiosa:

Minha terra é também meu terreiro, no fundo de casa. É estreito e comprido. Chão de terra batida. Norte e sul separados por um pé de seriguela. No sul, tem bila, xibiu e trancelim. O norte é território de guerra. Só entra cabinha valente, brinquedo na mão. Em campo de batalha, meu reino por um pião. Pra brincar de se esconda, pulamos o muro. O terreiro vira mundo. Avançamos até onde a vista alcança. (p. 27)

No caso de *Terra de cabinha*, esses importantes aspectos vêm acompanhados de um cuidado documental que ainda pode agregar a aprendizagem de procedimentos de pesquisa em suas dimensões ética e estética, tão fundamentais para a vida dos estudantes.





3. SUBSÍDIOS, ORIENTAÇÕES E PROPOSTAS DE ATIVIDADES

SUBSÍDIOS E ORIENTAÇÕES

A proposta da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para a área de Linguagens, em especial no componente de Língua Portuguesa, prevê diferentes campos de atuação nos quais se inserem os objetos de conhecimento. São eles: vida cotidiana, vida pública, artístico-literário, práticas de estudo e pesquisa e jornalístico-midiático. O livro *Terra de cabinha* traz conteúdo que se insere em todos esses campos de atuação, já que é construído numa perspectiva interdisciplinar e contempla um grande arco de conhecimentos e procedimentos. Desse modo, as habilidades que a leitura compartilhada do livro em sala de aula, assim como sua consulta para pesquisas e propostas de escrita abarcam, certamente ultrapassam as que serão apresentadas a seguir.





PROPOSTAS DE ATIVIDADES

LÍNGUA PORTUGUESA

LEITURA COMPARTILHADA E AUTÔNOMA/ORALIDADE

Habilidades de leitura previstas para os 6° e 7° anos relacionadas com as atividades propostas:

(EF06LP01) Reconhecer a impossibilidade de uma neutralidade absoluta no relato de fatos e identificar diferentes graus de parcialidade/imparcialidade dados pelo recorte feito e pelos efeitos de sentido advindos de escolhas feitas pelo autor, de forma a poder desenvolver uma atitude crítica frente aos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas enquanto produtor de textos.

(EF67LP01) Analisar a estrutura e funcionamento dos hiperlinks em textos noticiosos publicados na Web e vislumbrar possibilidades de uma escrita hipertextual.

(EF67LP08) Identificar os efeitos de sentido devidos à escolha de imagens estáticas, sequenciação ou sobreposição de imagens, definição de figuralfundo, ângulo, profundidade e foco, cores|tonalidades, relação com o escrito (...) em notícias, reportagens, fotorreportagens, revistas, sites na internet etc.

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP21) Divulgar resultados de pesquisas por meio de apresentações orais, painéis, artigos de divulgação científica, verbetes de enciclopédia, podcasts científicos etc.

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes – (...) contos populares, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, mitos, crônicas, autobiografias, poemas, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE LEITURA:

A. LEITURA LITERÁRIA APRECIATIVA

Há muitos textos poéticos espalhados pelo livro: de poemas que apresentam personagens, espaços e brincadeiras às histórias encantadas e de assombração, passando pelos causos e relatos narrados pelos mais velhos. Uma rápida espiada no sumário já dá uma ideia do alcance literário dos registros. O título dos "capítulos" ou "seções" do livro são pura poesia: "Reino de pedra", "Minha terra, meu terreiro", "Encantador de jumento", "Tempo de reis", "Inventário", "Na boca da noite", "Espia o mundo, menino". Conversar sobre a escolha dos títulos, tentando antecipar o que virá em cada parte do livro, pode ser um bom exercício. Há significados escondidos nas escolhas semânticas e esse desvendar já é, em si, uma prática de leitura literária. Em seguida, folhear as páginas, buscando pistas nas imagens para ver se dizem algo acerca das hipóteses levantadas anteriormente, até escolher um deles para ler com mais calma, de modo compartilhado ou individualmente, a critério do professor.

No capítulo "Reino de pedra" (p. 21), é possível explorar os aspectos literários desde o texto de abertura, que introduz a história de "Maara, a serpente" e leva ao Mapa de Itaperabussu. O texto, em primeira pessoa, mais parece um poema, com rimas, metáforas e um jeito singular de falar:

O tataravô do meu tataravô foi um índio Kariri. Aqui, antes de ser terra de cabinha, foi terra do povo Kariri. Um monte de histórias vem desse tempo, desse reino.

Esse trechinho lembra a linguagem de um sertanejo mineiro, João Guimarães Rosa, um dos maiores escritores brasileiros, mestre em narrativa poéticas.

Lá vivia o rei Manacá mais a rainha Jurema.

Tudo um dia se encantou, tudo pedra virou.

Essa história ficou guardada nos paredões da chapada, contou meu Tio Quidins. Ele diz que, quando o vento assobia entre os paredões, Anuncia as histórias de outras eras.

- São as pedras e também as águas que guardam a memória desse reino, contou meu tio. - Quando as águas gemem nos açudes e espreitam as pedras, é de saudade, Cabinha...

Ao se referir ao Reino de Pedra, local encantado, o uso da personificação reforça o encantamento do lugar: "águas gemem" e "pedras espreitam" de saudade.

Tudo o que meu tio me contou guardei, anotei, desenhei num mapa. O mapa de Itaperabussu, o reino de pedra. Ainda saio por essa Chapada pra encontrar o portal que é a entrada desse reino. Um dia.

17

A história "Maara, a serpente" (p. 24), disponível também em áudio, é curtinha e pode ser lida individualmente e apreciada de modo coletivo, com o Mapa de Itaperabussu (p. 22 e 23), que traz informações complementares ao texto. Estabelecer essa relação entre o que aparece apenas no Mapa, mas não está no texto, pode ser uma proposta divertida. Conversar sobre as características dessa história também é um caminho de leitura. Perceber as relações entre os aspectos mágicos e realistas da narrativa, por exemplo: a moça se transformar numa serpente e viver aprisionada no fundo das águas (aspecto mágico); a menção ao rio Cariús e a presença das três pedras que formam a Pedra da Batateira. Por que será que nessa história esses elementos aparecem lado a lado? O parágrafo inicial ajuda a responder essa questão: trata-se de uma história que já faz parte da tradição oral do local, contada pelos cabinhas para explicar como o reino de Itaperabussu se encantou. Isso explica, em parte, a presença de elementos reais e imaginários convivendo harmoniosamente. Outra possibilidade é pensar de quais outras histórias de tradição oral podemos lembrar, a partir da leitura de "Maara, a serpente". Muitos contos populares brasileiros têm pessoas transformadas em cobras e serpentes ou apresentam esse animal com poderes especiais; a lenda do Boitatá, o mito da Cobra Norato e a história da Cobra Labismina são alguns exemplos e podem ser trazidos como leitura complementar.

No capítulo "Na boca da noite" são apresentadas outras histórias de tradição oral, contadas em forma de "causo". São causos de assombração, com alma penada, caboclinha encantada e lobisomem, narradas em primeira pessoa por moradores antigos do Cariri: Seu Cosme, Tia Luzia, Tio Tonho e Dona Preta. A leitura das histórias é fluida, a linguagem muito próxima da oralidade. A partir dessas leituras é possível convidar pessoas mais velhas da comunidade escolar para um dia de contação de causos, combinando-se antecipadamente como será feita a atividade, preparando os estudantes para uma escuta atenta ou mesmo para um registro em áudio, como forma de preservação da memória local.



B. LEITURA INFORMATIVA, COM FOCO NOS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Como registro etnográfico, resultado de viagens da autora ao sertão do Cariri, *Terra de cabinha* permite uma leitura específica tendo como porta de entrada identificar os procedimentos de pesquisa utilizados, bem como as múltiplas linguagens presentes. Nesse caso, os encaminhamentos didáticos têm duplo objetivo: buscar informações específicas sobre determinado assunto (as manifestações culturais e religiosas da região; as crendices populares; os brinquedos e as brincadeiras típicas do lugar) e encontrar pistas sobre os procedimentos de pesquisa utilizados para se chegar aos registros apresentados em formatos diversos (entrevistas, conversas informais, participação em festas, comemorações e brincadeiras, anotações, fotografias, filmagens).

A busca por informações específicas tem mais sentido se vinculada a algum projeto significativo para a turma. Por exemplo: mapear os brinquedos e as brincadeiras presentes no livro e observar como são apresentados ao leitor para, a partir daí, criar um manual das brincadeiras próprias da comunidade em que a escola está inserida. Do mesmo modo, identificar os procedimentos de pesquisa utilizados pela autora e pelos colaboradores, pode estar atrelado a alguma pesquisa realizada pela turma, tanto na disciplina de Língua Portuguesa, como em outras áreas do conhecimento (ver sugestões no item "Abordagem Interdisicplinar"). O prefácio e o posfácio do livro podem ser boas fontes de consulta para conhecer os procedimentos de pesquisa que resultaram no livro, assim como os textos de abertura e agradecimentos.

C. LEITURA FOTOGRÁFICA E CARTOGRÁFICA

Terra de cabinha é repleto de imagens e desenhos que tornam a leitura não apenas mais prazerosa e leve, mas também conferem maior vitalidade ao registro. Demorar-se na apreciação das fotografias de Samuel Macedo, destacando que são o trabalho de um "cabinha crescido", pode render deliciosas conversas com os estudantes. Observar os ângulos que ele escolhe, os enquadramentos, a luz e os demais elementos da fotografia é uma forma de ler mais analiticamente as imagens. Notar o que só as fotos revelam pode ampliar as percepções leitoras: as cores, os rostos e sorrisos, a paisagem, a relação das crianças com a natureza. Propor ao grupo, a partir dessa observação, a produção de um ensaio fotográfico em algum espaço significativo para a turma (a própria escola, a rua ou a praça do bairro, uma feira livre, um mercado ou parque nas proximidades) é uma possibilidade de exercitar o olhar poético e discutir aspectos técnicos (objetivos)

e afetivos (subjetivos) que permeiam as escolhas, os enquadramentos, as perspectivas. Se for o caso, pode-se promover uma exposição das fotos, acompanhada de legendas poéticas que não se resumam a descrever o que já está visível na imagem.

O "Mapa de Itaperabussu" (p. 22 e 23) foi desenhado a partir do imaginário popular local, segundo o qual em algum lugar da Chapada do Araripe existe um portal que dá acesso ao reino encantado de Itaperabussu (Reino da pedra), onde vivem o rei Manacá e a rainha Jurema. O mapa respeita aspectos geográficos da região – pode-se encontrar, por exemplo, o rio Cariús, a lagoa Vapabussu, ou Lagoa Encantada, além de plantas típicas – mas inclui elementos imaginários, como as corujas protetoras do lugar, que do alto da chapada tudo espiam. Os paratextos que acompanham o mapa introduzem a leitura do conto "Maara, a serpente" e convidam o leitor a uma busca divertida, a partir de pistas para encontrar o reino de Manacá e Jurema. Explorar toda essa riqueza verbal e não verbal, ir do mapa ao conto e vice-versa, certamente vai atrair os estudantes.

Uma atividade possível a partir dessa leitura é a criação de mapas imaginários, partindo de outras histórias, causos, lendas do local onde está inserida a comunidade escolar. Para isso, além de ouvir as pessoas mais velhas que tenham histórias para contar, será preciso fazer um trabalho de campo em busca de elementos que possam compor o desenho do mapa. Outra sugestão, é criar um "Mapa do Quintal" de cada um. A leitura do texto "Minha terra, meu terreiro" (p. 27), pode ser um bom disparador para uma conversa sobre essa proposta. O quintal pode ser real ou imaginário, ou ainda uma mistura dos dois. Não é preciso ter quintal "de verdade" para realizar a proposta. O que importa é a ideia do quintal como espaço de brincadeira e imaginação, não exatamente o espaço físico conhecido como quintal. Na faixa etária em que se encontram os alunos de 6º e 7º anos, a brincadeira está, pouco a pouco, cedendo espaço a outros interesses, próprios da pré-adolescência. Esse mapa pode ser uma ótima oportunidade de ritualizar essa passagem, guardando memórias da infância num momento em que estão se despedindo dela.



ESCRITA COMPARTILHADA E AUTÔNOMA

Habilidades de escrita previstas para os 6° e 7° anos relacionadas com as atividades propostas:

(EF67LP11) Planejar resenhas, vlogs, vídeos e podcasts variados, e textos e vídeos de apresentação e apreciação próprios das culturas juvenis (...), tendo em vista as condições de produção do texto (...), a partir da escolha de uma produção ou evento cultural para analisar (...), da busca de informação sobre a produção ou evento escolhido, da síntese de informações sobre a obra|evento e do elenco|seleção de aspectos, elementos ou recursos que possam ser destacados positiva ou negativamente ou da roteirização do passo a passo do game para posterior gravação dos vídeos.

(EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista (...), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntas e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação (...), ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero, utilizando estratégias de planejamento, (...) e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas (...).





SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE ESCRITA:

A multiplicidade de gêneros textuais presentes em Terra de cabinha em muito o assemelha a uma espécie de almanaque: há adivinhas, provérbios, simpatias, causos, contos, poemas, canções, receitas, biografias etc. O que une todos esses textos é a infância no sertão do Cariri cearense. Algo semelhante pode ser criado, tendo como fio condutor a infância ou pré-adolescência na região onde se encontram os estudantes leitores do livro. Do que brincam? Quais festas comemoram? Que histórias contam e ouvem? Como se relacionam com o espaço geográfico? Quem são seus mestres? Em que acreditam? Quais mistérios cultivam? Tomando como referência os capítulos que compõem Terra de cabinha, o professor pode escolher, juntamente com a turma, quais temas são replicáveis e/ou adaptáveis para o contexto no qual vivem, dividindo os estudantes em grupos para que se dediquem a pesquisar, entrevistar, levantar dados e informações, fotografar, filmar, de acordo com o alcance que se pretende com a proposta. Trata-se, possivelmente, de um projeto a longo prazo, que pode, inclusive, envolver outras áreas do conhecimento (veja no tópico "Abordagem Interdisciplinar"). Nem todos os gêneros textuais precisam estar presentes no almanaque a ser produzido pela turma – alguns podem ser eliminados, outros acrescentados, e tudo isso deve ser motivo de discussão e decisão coletiva para que os estudantes, de fato, tenham protagonismo.

Um capítulo que merece especial atenção e pode render produções textuais inspiradoras é "Inventário". Palavra presente no subtítulo do livro, inventário é entendido aqui como uma coleção de preciosidades. Pode ser uma simples lista de bens materiais, e imateriais, afetivos, reais, imaginários. O texto com o mesmo título (p. 57) merece uma apreciação demorada, assim como a imagem de página inteira que o acompanha. A partir da leitura do texto, é possível ampliar a compreensão da palavra inventário, entendendo que pode ter diferentes materialidades. Pode ser uma "caixa de cacarecos, um inventário de segredos", com "medalhinha, presente da vó, carrinho de lata, pião velho", mas pode ser também um caderninho artesanal, de páginas coloridas amarradas com fita, contendo a memória de infância de cada um. Algo precioso, da ordem das coisas íntimas e intransferíveis.





QUE TAL CRIAR SEU PRÓPRIO INVENTÁRIO?

O que é um inventário? Um inventário é uma descrição e enumeração minuciosa de coisas – objetos, palavras, sentimentos. Mas tal termo abarca também a ideia de invento, de invenção. Assim, as "coisas" listadas são também imaginadas, criadas e engendradas ao fazer poético. É a partir dessa perspectiva que foi feito o inventário dos cabinhas, meninos e meninas do Cariri cearense.

Todos nós – educadores, crianças, artistas ou poetas – somos inventariantes desde sempre. Quer um exemplo? Um menino britânico lá do século XVII era muito observador, gostava de inventariar os insetos do seu quintal. Colecionava os bichos que caçava e fazia pequenas anotações sobre onde os tinha encontrado (debaixo de uma pedra, por exemplo), a cor do animal, a textura de suas asas. Quem era ele? O cientista Charles Darwin (1809-1882). Qual criança não coleciona objetos – figurinhas, brinquedos, papéis?

Arthur Bispo do Rosário (1909-1989), artista que viveu em manicômios, fazia de sua arte um extenso inventário de coisas do mundo, com artefatos, bordados, nomes, desenhos, em coleções que geram um transbordamento poético de sentidos. Já a escritora-ilustradora Marilda Castanha, no livro *Fases da lua e outros segredos* (editora Peirópolis), reúne um singelo inventário de diálogos e pensamentos dos filhos.

Os inventários podem ser individuais. E podem também ser criados coletivamente, de forma participativa, com toda a comunidade escolar. Crianças e adultos, juntos, podem inventariar (reunir, descrever, classificar) aspectos materiais e imateriais do patrimônio cultural do lugar onde vivem, tais como as festas, as brincadeiras, as histórias, as cantigas. Segundo o Iphan, inventariar "é um modo de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nessa atividade, é necessário um olhar voltado aos espaços da vida, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio do local".

Os inventários podem ser criados lançando mão de vários recursos de pesquisa: conversas informais, entrevistas com os pais e avós, desenhos de cartografias afetivas e fotografias de aspectos diversos do território. O grupo pode usar um caderno de campo, a exemplo dos usados por etnógrafos ou antropólogos. As cadernetas de campo são ferramentas que ajudam a sistematizar as experiências vividas em campo. Tudo (até o que parece mais banal) vale ser registrado!

Mas antes de sair a campo é importante instigar o olhar. E a olhar muitas vezes aquilo que é cotidiano, que vemos diariamente. Como diz o poeta cuiabano Manoel de Barros, é preciso "transver o mundo".

"O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo."

(MANUEL DE BARROS, POETA)





COMO COMEÇAR?

Você vai precisar de:

- Máquina fotográfica e gravador (os do celular funcionam bem)
- Uma lupa para ver as coisas bem de perto
- Um binóculo para ver o que está longe
- Gravador (pode ser o do celular)







ALGUMAS IDEIAS DE PERCURSOS

- Caminhe pelos arredores da escola para conhecer mais o território onde a escola está inserido e depois crie coletivamente uma cartografia afetiva usando materiais simples como papel kraft, lápis de cor, canetas e canetinhas;
- Crie uma caderneta especial (nas páginas seguinte há alguns temas que podem dar ideias);
- Fotografe lugares importantes do lugar onde vive ou uma festa popular
- Grave áudios com histórias ou cantigas
- Escreva receitas de como se faz um brinquedo ou uma comida
- Liste brincadeiras e guarde-as num caderninho;
- Convide as pessoas mais velhas
- Crie um glossário de palavras mais usadas em seu grupo ou comunidade;
- Colecione fragmentos de memórias das pessoas mais velhas, indicando como se vivia em sua comunidade em outras épocas;
- Liste sons, sabores, texturas, cheiros do seu quintal;
- Monte uma exposição para mostrar à comunidade as memórias e vivências coletadas num inventário participativo!





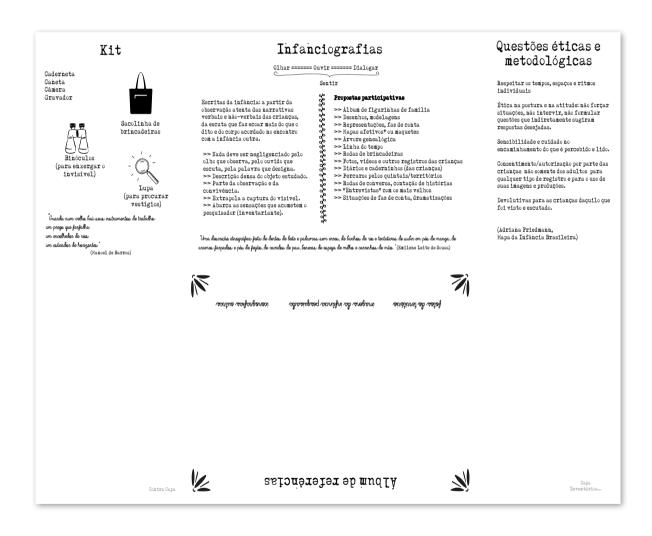


24

INSPIRE-SE E FAÇA SEU CADERNINHO

Essas imagens são páginas de inventários, desenhadas e datilografadas numa folha formato A4.

Você e seus alunos podem imaginar seus próprios caderninhos, com o registro do inventário de cada um!

























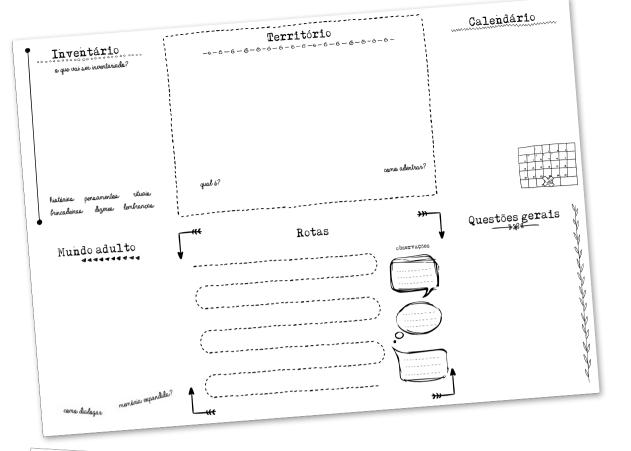


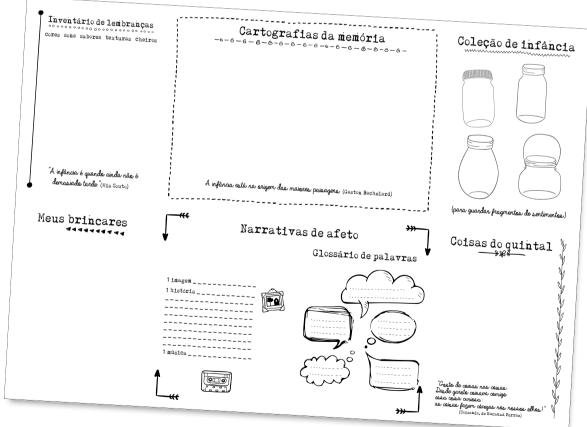












ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA

Habilidades de análise linguística/semiótica previstas para os 6° e 7° anos relacionadas com as atividades propostas:

(EF06LP03) Analisar diferenças de sentido entre palavras de uma série sinonímica.

(EF06LP12) Utilizar, ao produzir texto, recursos de coesão referencial (nome e pronomes), recursos semânticos de sinonímia, antonímia e homonímia e mecanismos de representação de diferentes vozes (discurso direto e indireto).

(EF67LP38) Analisar os efeitos de sentido do uso de figuras de linguagem, como comparação, metáfora, metonímia, personificação, hipérbole, dentre outras.



SUGESTÕES DE ATIVIDADES DE ANÁLISE LINGUÍSTICA/SEMIÓTICA:

Terra de cabinha, desde o título, explora um vocabulário próprio da região, revelando influências que compõem a língua falada no Brasil, sobretudo a indígena. Já no poema que abre o livro, "Sou Cabinha" (p.13), encontramos uma menção a isso:

(...) Aqui...
máscara é careta
chicote é macaca
bobagem é fiotagem
estilingue é baladeira
malcriado é maluvido
uniforme é farda
quintal é terreiro
verde é verdim
bolinha de gude é bila
e menino é cabinha.

Em várias páginas do livro, há um pequeno glossário apresentando verbetes de palavras menos conhecidas fora do Cariri. Em um país continental como o Brasil, muitas palavras diferentes são usadas para se referir a uma mesma coisa, a depender da região. Criar um "Dicionário de sinônimos", a partir das palavras destacadas no livro, definindo-se ou não um campo semântico específico (brinquedos, brincadeiras, frutas, flores, árvores etc.), pode ser uma atividade boa para discutir aspectos etimológicos, diferenças dialetais, norma culta etc. Do mesmo modo, pode-se propor a confecção de um "Dicionário poético" contendo palavras "inventadas", inspiradas no universo dos cabinhas. Há muito com o que se inspirar nesse livro, de histórias engraçadas e inusitadas, a relatos afetuosos e emocionados, que têm a palavra como eixo. Ler a obra de escritores que criam neologismos em suas narrativas poéticas também pode ser uma boa forma de inspirar: João Guimarães Rosa, Manoel de Barros, Patativa do Assaré, dentre outros.







ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

ARTES

Além da apreciação das fotografias de Samuel Macedo que compõem *Terra de cabinha* e da produção de um ensaio fotográfico, sugeridos anteriormente, outras linguagem podem ser exploradas a partir da leitura do livro. Uma delas, é a linguagem audiovisual. Os áudios e as filmagens que acompanham o livro, a partir da consulta dos QR Codes, merecem atenção especial e podem ser inspiradores para a produção de algo semelhante na comunidade local dos estudantes ou em eventuais estudos de campo que venham a realizar. Além disso, as manifestações culturais e religiosas, como o Reisado e a Careta no domingo de Ramos, contêm elementos artísticos que contemplam diferentes linguagens: música, teatro, artes plásticas, dentre outros. Conhecê-las em seu contexto, conversar sobre elas, pesquisar o que há de correspondente em sua comunidade de origem, são possibilidades de trabalho nessa área do conhecimento.

BIOLOGIA

A fauna e a flora do sertão do Cariri cearense estão muito presentes no livro e podem render boas conversas sobre biodiversidade e preservação do meio ambiente. Textos como "Capemba" (p. 28), "Colheita no quintal" (p. 29), "Mandachuva" (p. 33) e "Encantador de Jumento" (p. 37) trazem conteúdo associado a esses temas

GEOGRAFIA/HISTÓRIA

Estas talvez sejam as duas áreas do conhecimento mais presentes no livro, além de Artes e Língua Portuguesa. O recorte geográfico da pesquisa que resulta neste registro etnográfico já aponta os alcances nesse sentido: um mergulho pelo sertão do Cariri cearense, em sua diversidade social, cultural e econômica. Do mesmo modo, a menção a aspectos históricos da região, que em muito se relacionam com outras regiões do país (animais pré-históricos, povos indígenas, colonização) valem um olhar mais atento sob o viés das Ciências Humanas. Os procedimentos de pesquisa utilizados pela autora e explicitados em várias parte do livro também merecem atenção especial. Buscar marcas da observação participante nos textos assinados pela autora pode ser um bom começo, assim como a leitura de entrevistas dadas por ela, ou a visita ao site do Projeto Infâncias, do qual *Terra de cabinha* faz parte. O uso de mapas e fotografias, a lista de agradecimentos à população local, assim como a dedicatória do livro, também indicam procedimentos valiosos de pesquisa que podem ser replicados/adaptados pelos estudantes.







MATERIAL AUDIOVISUAL

Disponível em www.editorapeiropolis.com.br/pnld2020/terradecabinha ou no QR Code ao lado.